

DE LAVRADORES À PESCADORES

COMPREENDENDO A TRAJETÓRIA HISTÓRICO-SOCIAL NA
LUTA PELO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DA GRACIOSA

UF B

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia



PPGEDUCAMPO

Programa de Pós-Graduação
em Educação do Campo / UFRB

Mestrado Profissional em Educação do Campo

DE LAVRADORES À PESCADORES

COMPREENDENDO A TRAJETÓRIA HISTÓRICO-SOCIAL NA
LUTA PELO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DA GRACIOSA

UF B

Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia



PPGEDUCAMPO

Programa de Pós-Graduação
em Educação do Campo / UFRB

Mestrado Profissional em Educação do Campo

SUMÁRIO

	Apresentação.....	4
	Os Donos da Terra.....	5
	A chegada dos Povos Escravizados: os nossos antepassados.....	9
	Situando a Graciosa Depois da Escravidão.....	13
	Conclusão.....	28

APRESENTAÇÃO

Vamos nessa pessoal, vamos recuperar a nossa trajetória histórica e social? Vamos conhecer como se formou Graciosa?

O passado construiu o nosso presente. Ajudou a definir os sujeitos que somos hoje e o território que usamos. O resultado ajudará na construção do futuro, o conhecimento da história nos fortalece e nos protege contra os perigos que vem da ganância dos que controlam as estruturas de poder.

Esse escrito não é um acaso, ele nasce entrelaçado entre o Mestrado Profissional de Educação do Campo da UFRB e as experiências vividas nesse território, no enfrentamento do nosso viver.

Tem vínculo com os sujeitos do campo que fazem a luta e organizam movimentos visando a emancipação do ser.

E quem é Graciosa? Audaciosa em significado que traz graça, encanto e valor...

Então, demonstrou interesse?

Vamos nos aventurando com apreço entre versos, imagens e outras linguagens para compreender um pouco da nossa história, a partir de pesquisas e dos relatos da memória, documentos e dos livros de saber.

Boa aventura!!!



Figura 1. Antiga residência quilombola em Graciosa à rua do Pedestre.

Fonte: Darci Cainana. 02/03/2014.

Os Donos da Terra



Figura 2. Indígenas Pataxó. Santa Cruz Cabrália – BA.
Fonte: Darci Cainana 03/03/2017.

Olhando para o passado, os povos originários viviam sossegados com sua cultura e saber.

Cuidava da natureza, com sabedoria e clareza, uma visão de mundo pautada no sentido de existência sempre a tecer.

Respeitavam e cuidavam dos seres vivos com atenção, pois sabiam da ligação entre o equilíbrio com seu próprio ser.

Com conhecimento de vida e de mundo, precioso e profundo, abrangiam todas situações que viessem aparecer.

No contexto desta região, sabemos diante mão que os aimorés neste litoral tiveram seu alvorecer.

Dos povos que aqui viviam de diferentes etnias, línguas, culturas e religiões, poucos vestígios nos restou.

Limitadamente se estudou sobre os donos deste chão, carecendo novas pesquisas das raízes desconhecidas para ter explicação sobre esse universo glorioso, silenciado pela história oficial, que os trata com bestiais, passivos, gentis e animais.

No mundo havia diferentes nações.
Umhas tantas sofreram a exploração,
seguida da dizimação quando os
europeus vieram a aparecer.

Um povo que se dizia civilizado,
demonstrou-se cruel e mal educado,
pelas ações a empreender.

Chegando em terras alheias, matou,
roubou, explorou...

Eita coisa feia!!!

Mas, nós precisamos conhecer!!!

Para não ser enganado pelos fatos
mal contados da história dos
dominadores que fomos obrigados a
aprender.

Desconstruindo essa história
presente em cada memória construir
nosso saber, nos traz
reconhecimento dos ancestrais no
presente vigente em nosso viver.



Figura 3. Representação da Caravela Portuguesa.

Fonte: ephm-expansaoamaritima.blogspot.com.br/2010/04/as-caravelas.html

O Brasil não foi descoberto, foi invadido por espertos, na corrida pelos metais para o ter.

Isso trouxe consequências desastrosas e desavenças que provocaram neste chão sangue a escorrer.

A colonização e o processo de ocupação territorial representou, a lógica da expropriação das riquezas naturais e a eliminação dos povos locais que logo se intensificou.

Havendo embates e lutas travadas pelos povos originais contra o julgo dos portugueses. Isso tudo é diferente da história que agente aprende na escola contada pelo professor.



Figura 4. Pintura de Johann Moritz Rugendas, Guerrillas.
Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Guerrillas_Rugendas.jpg. Acesso em 12 Jun 2016.

Se pensas que logo passou, não se iluda, por favor, pois Portugal logo nos colonizou. Aconteceram atrocidades: jesuítas nos catequizaram, ao português abençoou e os europeus nos exploraram.

Catequese foi um dos instrumentos usados pelos portugueses para concretizar a mercantilização. Usando essa metodologia, os jesuítas queriam conquistar o nosso chão.

Pela conquista cultural, adotou práticas instrumentais eliminando seu saber, apresentando-se como se fosse protetor, nos territórios, nas diferentes aldeias e regiões.

Ao encontrar resistência, buscou outras providências para o avanço colonial ao implementar, a instituição escravocrata gerada pelos magnatas europeus no período colonial. Criaram assim grandes contingentes de cativos influenciados pelos agentes das guerras tribais.



Figura 5. Representação do padre jesuíta Antônio Vieira. Disponível em: <http://misteriodasletras.blogspot.com.br/2009/05/sermao-da-sexagesima-analise.html>. Acesso em: 12 Jun 2016.

A Chegada dos Povos Escravizados.

Os Nossos Antepassados Africanos

Trouxeram os negros africanos de diferentes etnias, línguas e religiões. Trazidos em navios cargueiros, amontoados pereceram e, outros tantos morreram antes de aqui chegar ao chão. Para servir aos colonizadores, mão de obra sem valor; mercadoria sem pudor; sustentava essas entranhas no vapor da escravidão.



Figura 6. Pintura Navio Negreiro de Johann Moritz Rugendas.
Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Johann_Moritz_Rugendas.
Acesso em: 21 Jul 2016.

Na condição de escravizados, os negros eram propriedade, pois os brancos o coisificaram.

Mas eles não foram passivos resistiram, reagiram, fugiram, reconstruíram seu “destino”. Deram novo sentido a vida, a partir da grande luta que travaram.

Os negros quebraram correntes com rebeldia e lutaram com destemor. Queimaram canaviais e engenhos; mataram animais e capatazes sem piedade e temor.

Como refúgio construíram quilombos, território de resistência e enfrentamento à opressão, terra de muita produção destinada a manutenção da vida dos bravos guerreiros desta nação.



Figura 7. Ilustração representativa da luta contra a escravidão.
Disponível em: <https://santosbancarios.com.br/artigo/a-escravidao-nao-acabou-no-brasil-a-falsa-abolicao-de-13-de-maio-4853>. Acesso em 23 Jul 2016.



Passado muito tempo de fugas e trabalho forçado, veio a tal da “libertação”. Mas essa não ocorreu por acaso. Foi bastante pressionada aqui dentro e pela Europa na ocasião. A Europa vivia a Revolução Industrial e, não olhava mais com bons olhos o sistema da escravidão. Queriam o trabalhador livre, para consumir seus produtos então.



Figura 8. Imagens do Filme Tempos Modernos.
Disponível em: <http://www.blumenau.sc.gov.br/secretarias/fundacao-cultural/fcblu/tempos-modernos-no-cinearte-de-outubro54>. Acesso em 25 Jul 2016.



Figura 9. Negros e Escravos Libertos. Fotografia de Ronaldo Marcos Bastos.
Disponível em: <http://ronaldofotografia.blogspot.com.br/2011/11/negros-e-escravos-libertos.html>.

Não houve facilidades para o negro conquistar sua liberdade. Conseguiram graças as estratégias de luta e ação.

E assim veio o pós-abolição, uma fase difícil meu irmão.

Para aonde iam os negros que não estavam em quilombos?

Não tinham terras e nem casas, nem como garantir o pão. O Estado brasileiro não pensou em nenhuma solução.

Sem terra, sem casa, sem trabalho e nem acesso à saúde ou a educação.

Muitos tentaram voltar para seus lugares de origem, o continente africano.

Outros ficaram por aqui, sobrevivendo a tratamentos desumanos.

Nas ruas, nas roças e periferias da cidade com grande criatividade lutam nessa sociedade.

Os que permaneceram nas antigas propriedades, nos lugares de seus antepassados continuam a viver como escravos. Outros passaram a serem poceiros, meeiro ou apenas trabalhadores que vendiam o dia de trabalho, a seus antigos senhores.

Situando a Graciosa Depois da Escravidão



Figura 10. Vista da capela de São Salvador da Graciosa em sua arquitetura anterior.
Fonte: Darci Cainana. 02/02/2014.

A Graciosa é um exemplo dessa permanência de ex-escravizados nas antigas fazendas de seu ex-senhor. A lei que promulgou o fim da escravidão, não aboliu a subjugação. Também, não destruiu os laços de amizades, as relações de parentesco e a forma de lidar com a terra quando da conquista da liberdade. Ser livre também significava permanecer no lugar dos tempos do cativo e da senzala. A liberdade conquistada, os libertos forjaram na relação do pertencer, a terra cultivada, a religião praticada e a vivência enquanto sujeito a tecer.

Esse último contexto sempre nos despertou.

É o ponto que nos relacionou.

A fazenda Olaria nossos ancestrais habitou.

Com a posse desta propriedade, viviam como agricultor e pescador.

Plantava arroz em seus brejos, café e outras culturas. Trabalhavam com dendê e ainda complementavam no manguezal o que comer.

A moreia, o caranguejo, guaiamu, siri e aratu.

A lambreta, a ostra, o clamurú e o sururu.

Sempre fez parte do nosso sustento, no passado e no presente.

É olhando para frente que não somos indiferente com as situações a enfrentar, pois quem luta sempre vence.

A união quebra as correntes e dar sustentação ao lugar.



Figura 11. Imagem do dendê e Munzuá como produto agrícola e instrumento da pesca artesanal na comunidade quilombola.
Fonte: Darci Cainana. 10/08/2016.

A planta topográfica ao lado apresentada, ajuda a compreender a situação e a extensão que deu origem a este lugar.

Banhada pelo rio Graciosa no presente estar.

A extensa área cultivada pelos nossos ancestrais. Haviam antigos caminhos chamados Estradas Reais.

Haviam terras devolutas e incultas como no documento a mostrar.

Parte destas terras no presente em disputa judicial. Por sujeitos que fazem luta e enfrentamento social, para que a nova desterritorialização não venha nos afrontar, por gananciosos empresários que visam o capital acumular



Figura 12. Planta topográfica da antiga Fazenda Olaria.
Fonte: Cartório de Registro de Imóveis do município de Taperoá – BA.



Um espaço de matas, riacho, rios, mangues e moradias fizeram da fazenda Olaria um lugar de vida, trabalho e continuidade para aqueles que ali residiam.

Pensar sobre o que foi a posse da terra ontem e o que é hoje em dia. Nos levam por um caminho repleto de esforços que na luta nos guia, para mantermos nosso território e a sua garantia.

A Graciosa do passado não tem mais a mesma extensão no presente. É preciso entender os motivos de tantas transformações atualmente.

Vamos embarcar em mais uma viagem, considerando os relatos da oralidade dos mais velhos na nossa localidade.

Os Documentos confirmam o que eles disseram. Conflitos pela posse da terra e preservação ambiental rodeiam o nosso território pesqueiro quilombola pessoal!



Figura 13. A enxada na prática da capina.
Fonte: Darci Cainana. 02/08/2017.



Figura 14. Fotografia do manguezal que envolve parte do rio Graciosa.
Fonte: Darci Cainana. 12/06/2017.

Nada é Por um Acaso

Qual a razão dos habitantes da Graciosa praticamente morarem na margem ou no interior do manguezal, se seus antepassados residiam na Fazenda?

Se antigamente houve lutas pela posse da terra na Fazenda, qual a razão destas disputas ainda continuarem a ocorrer hoje?

Quais foram os interesses dos fazendeiros de antigamente e do presente (empresários)?

Se a agricultura antigamente era a base da sobrevivência de muitas famílias, porque hoje o mangue e o rio Graciosa passaram a ser tão disputados no sustento delas?

Como agiam os fazendeiros no passado e como atuam os do presente (empresários), na comunidade quilombola?

Se um dia muitas pessoas moravam na Fazenda Olaria... Por qual motivo o local hoje é habitado por uma só pessoa?

E o que você tem a ver com tudo isso?

Como podemos nos organizar para garantir a posse da terra e a preservação ambiental do nosso território?



Se um dia muitas pessoas moravam na Fazenda Olaria...

Por qual motivo hoje em dia é habitada, por um só morador?

Se a agricultura antigamente era a base da sobrevivência de muitas famílias, porque hoje o mangue e o rio Graciosa passaram a ser único provedor do sustento de nossas famílias?

O fim da escravidão na fazenda Olaria trouxe outra condição diferente para os moradores. Agora como posseiro que ocupa a terra e não tem sua propriedade, por falta de documentação, escritura pública e burocracia.

Mas, não lhe tira a condição de sujeito de direito no uso da propriedade, já que o Usucapião tem legalidade.

Com a venda da Fazenda Olaria tal situação se modificou, pois o novo proprietário aos posseiros logo expulsou.

Com a expulsão das famílias, as dificuldades veio chegar com a quebra das formas produtivas da agricultura familiar.

A saída para muitos foi buscar um novo lar. Isso aconteceu nas margens do manguezal, o que explica no presente a configuração deste lugar, resultado da desterritorialização que Oscar veio provocar.



Na imagem de satélite abaixo podemos observar, como nossa comunidade concentra seu habitar, nas margens dos manguezais do rio Graciosa, coração deste lugar.

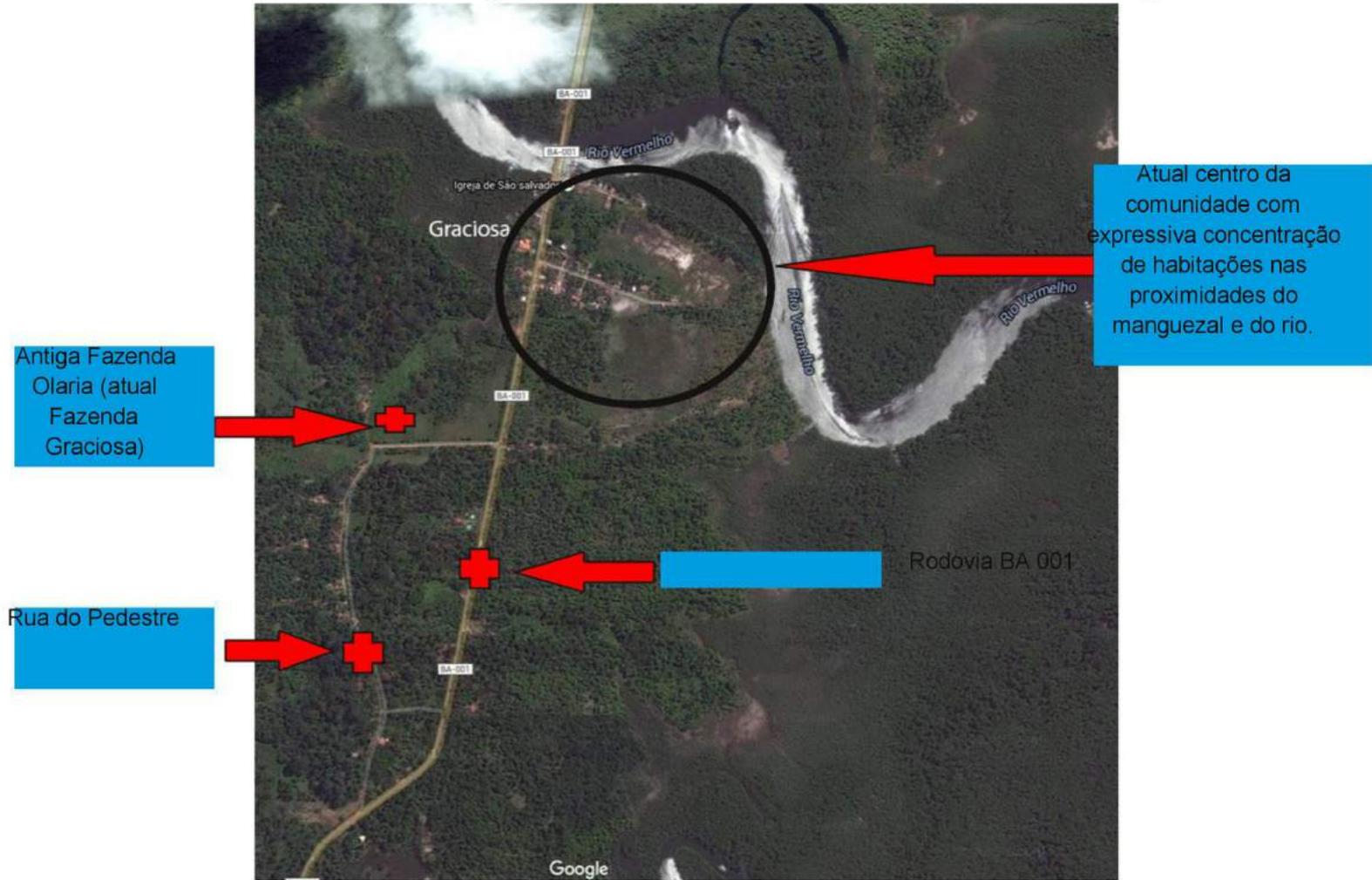


Figura 15. Fotografia de satélite do território quilombola da Graciosa.
Fonte: Google Eart.



Para dar continuidade a vida daqueles que ainda tem feridas presentes em seu coração, adotaram o manguezal, como ecossistema pai do sustento, vida e pão. A perda da terra promoveu a eliminação de um lugar de vivência, da cultura e do plantio da alimentação.

Isso gerou uma certa inversão, pois o manguezal no passado era apenas complementação alimentar, transformando-se atualmente no único meio de sobrevivência familiar, gerando desta maneira isolamento e contenção limitando os quilombolas as áreas da União, o que obrigou aos sujeitos admitir novos hábitos e modo de vida perante as situações de exclusão social originadas das ações espúrias do capital.



Figura 16. Prática laboral no cultivo do dendê.
Fonte: Darci Cainana, 14/09/2013.

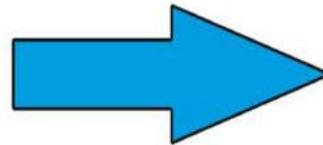


Figura 17. Atividade da pesca no rio Graciosa.
Fonte: Darci Cainana. 22/10/2013.



Qual a razão dos habitantes da Graciosa praticamente morarem na margem ou no interior do manguezal, se seus antepassados residiam na Fazenda?

Se antigamente houve lutas pela posse da terra na Fazenda, qual a razão destas disputas ainda continuarem a ocorrer hoje?

A ocupação das proximidades do manguezal tem relação direta com a reinvenção do habitar, gerada pelo arbítrio do fazendeiro.

Os posseiros que aqui ficaram tiveram sua vida a se transformar, enquanto outros não enxergaram a possibilidade de permanência e vieram a se retirar.

Os sujeitos quilombolas não foram passivos a aceitar. Com força e união sempre estiveram a lutar, nas situações de violência que tiveram que confrontar.

Dada a violência empregada contra a população quilombola, a oposição desta se encontra presente na memória dos nossos idosos, livros importantes na montagem dos retalhos da nossa história, como podemos verificar no relato que remete aos lapsos de outrora:

"-Quando o novo dono comprou essa fazenda, ele tentou tirar muita gente de lá, ali tinha muitos poceiros, isso não foi do tempo dele, ele tentou tirar, mas as pessoas que não tinham para onde ir, não iam pegar e entregar seus direitos.

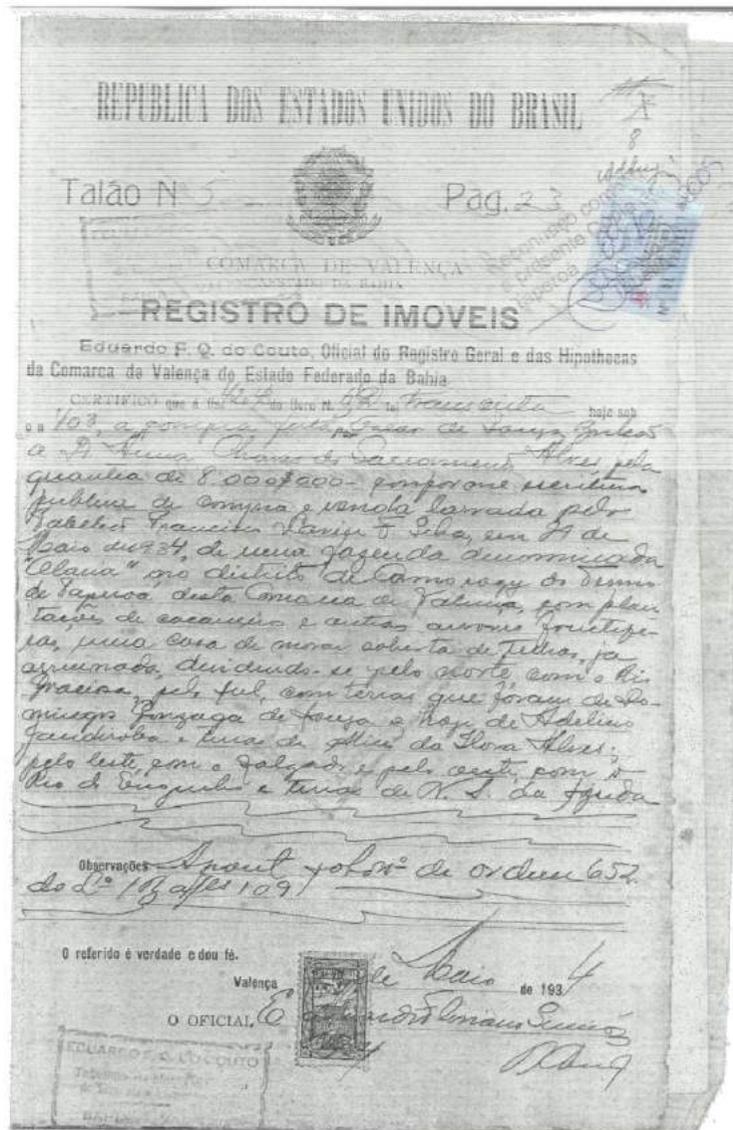
Houve tanto tiro naquela época, as pessoas baleadas foram lá para casa de minha mãe, que morava ali no sobrado, na parede do lugar ficou a marca de sangue na parede e nunca largou dali, a parede era de tijolinho.

Aquilo que aconteceu foi um crime, a pessoa já encontrou as pessoas instaladas ali, naquela época, era uma época muito mais difícil de viver e a pessoa vim e tirar aquelas pessoas dali, onde as pessoas trabalham o dia e sabem a tarde onde vão chegar para passar a noite. Você sabe o que é a pessoa trabalhar o dia e não saber onde vão chegar para passar a noite? Isso incomoda muito, quantas pessoas sofreram ali na pele no dia que isso aconteceu.



Figura 18. Fotografia de Gildésio Pimentel em 10 de novembro de 2015.

Fonte: Acervo particular Girlandio Gomes Bomfim.
Gentilmente cedido.



Escritura pública de venda da Fazenda Olaria, denominada por Graciosa hoje em dia. Datada de 1934, período de luta e de grande comoção, pois a expulsão ganha forma e corpo a partir desta documentação. A revelia dos posseiros, surgiu muita transformação na sobrevivência material e cultural na ocasião com a perda de território, síntese da existência dos quilombolas nossos irmãos.

Figura 19. Escritura Pública de Compra e Venda da Fazenda Olaria. Cartório de Registro de Imóveis do município de Taperoá – BA.

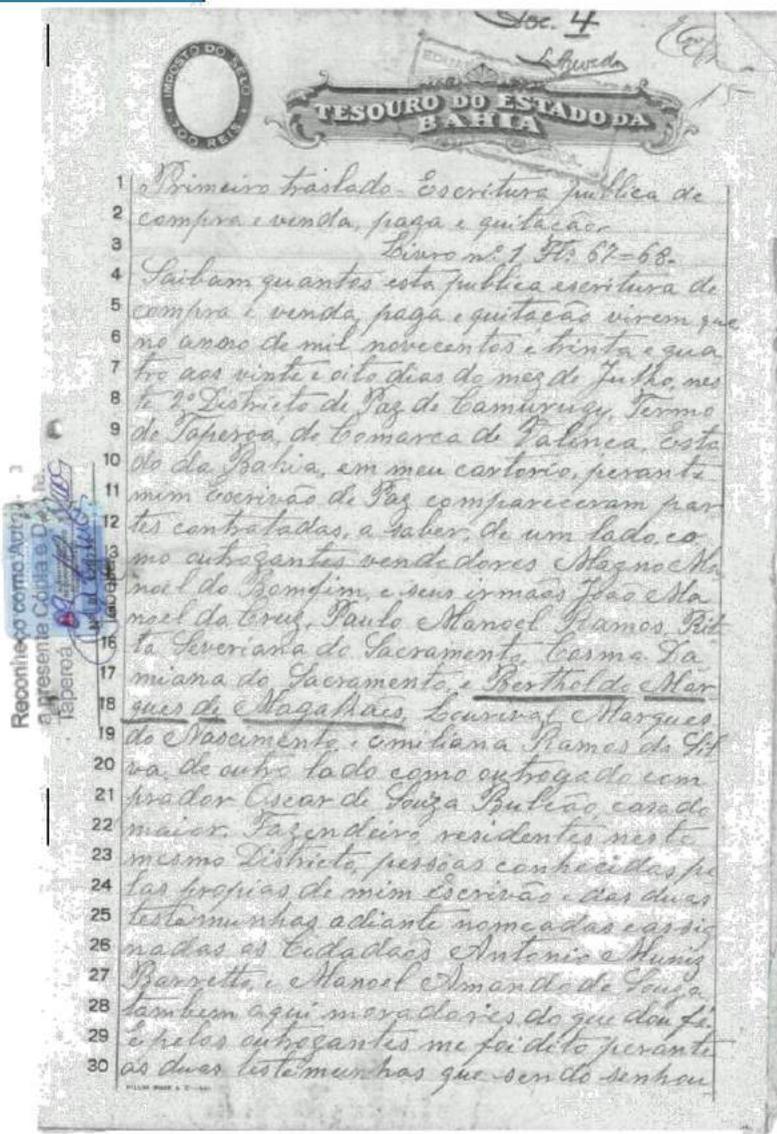


Figura 20. Documento de venda e aquisição de posses na antiga Fazenda Olaria. Cartório de Registro de Imóveis de Taperoá – BA.

Uma das formas utilizadas pelo fazendeiro para expulsar os posseiros, foi forçar a venda das posses compradas por pouco dinheiro.

No documento ao lado podemos constatar, a aquisição de trechos habitados daqueles que moravam neste lugar. Com os mesmos sobrenomes da geração do presente, demonstra a relação de parentesco e as origens comuns pertencentes ao tempo da escravidão.

Além deste documento, apresento-lhe uma testemunha ocular que tem o seu nome contido neste documento, por conta da posse de sua mãe que outrora esteve neste território a lutar.

- O senhor Paulo Manoel Ramos mostramos nesta imagem, pois o mesmo foi um livro de carne e osso da história deste lugar. Por todos reconhecidos e neste livro buscamos eternizar, para aqueles que não o conheceram e outros que venham nascer, uma testemunha de toda a situação, seu nome consta em um dos documentos que comprovam a expulsão referente, à venda forçada das posses da terra para o fazendeiro na ocasião.

Esse documento comprova o que ele trouxe na oralidade: um ancião da nossa história constitui a confirmação dos fatos.

Com conhecimento afirmou: “Era pra os posseiros ficar com a fazenda”.



Figura 21. Fotografia do Senhor Paulo Manoel Ramos (Paulo Cunha).
Fonte: Acervo particular Girlandio Gomes Bomfim.
Gentilmente cedido.

Os conflitos em torno da posse da terra no passado e no presente representam formas de apropriação dos meios de produção e do meio ambiente, por parte do capital e de seu modelo excludente. Se pensarmos a respeito de como isso se efetiva, podemos identificar os modos como as elites o utilizam, na degradação da nossa mãe natureza ao efetivar o poder como instrumento do aniquilamento e esperteza, se importando apenas em dominar pontos e bases produtivas visando acumular e reinventar o capital, a partir da destruição da vida.

Outrora os fazendeiros removeram os posseiros. No presente, os empresários querem se apropriar de nosso único bem coletivo que a comunidade tem para contar como base produtiva que é o manguezal.

No passado o controle das terras da Fazenda Olaria, no presente a restrição dos caminhos que dão acesso ao manguezal. Quem diria, a construção da maricultura e turismo predatório, através da implantação de resort e marinas que trazem a destruição de forma extrema e ferina, para aqueles que retiram o pão e depende da preservação do estuário marinho!!!

Relacionar o passado e o presente nos ajuda a construir a formação da consciência do nosso povo, para um futuro erigir nas gerações que tenham plantas a florir.

O que somos atualmente decorre dos muitos fatores nos motivou a superar as dificuldades. Precisamos avançar para a próxima etapa da luta com vigor na mobilização e enfrentamento de cunho popular, para que a titulação das terras quilombolas nós consigamos conquistar.

As disputas e os conflitos pelo território quilombola de Graciosa nos dias atuais expõe como se apresenta, a lógica do capital, na destruição do território para sempre ter mais. Com isso assistimos a tentativa de sujeição dos moradores pela via da ocupação dos pesqueiros, das rotas de acesso e dos portos no entorno do rio Graciosa. Uma nova forma de precarização da nossa vida em proveito do lucro para poucos.

As lutas organizadas pela Associação Comunitária buscam justamente a resistência contra empresários, pela via da mobilização popular. Com isso, as ações de todos os moradores deste lugar decorrem do estágio da consciência em que está, para posteriormente caminhar pelo percurso da ação política, cuja participação é o aprendizado construído no enfrentamento constante as dificuldades identificadas ao longo da união de todos e todas, por um território coletivamente justo e sustentável.





Conclusão

O presente trabalho é apenas um resumo da história de formação do Território Quilombola da Graciosa a escrevermos. Buscou retratar didaticamente, os elementos que justificam as lutas e enfrentamentos as desigualdades presentes neste lugar.

Como um primeiro esforço visando às informações sistematizar, relatos de vida e da documentação histórica levantados para mostrar como o presente têm suas bases no passado apontamos, o futuro a conquistar na titulação das terras quilombolas que é um direito e uma reparação social a assegurar.

Para tanto, metodologicamente procuramos dar voz aos nossos sujeitos, decisivos para compreendermos o que somos, através das suas memórias diretamente associadas a aproximação do passado-presente na construção do futuro, enquanto forma de luta e enfrentamento as formas diversas de exclusão do capital.